

A multiplicidade da busca pela identidade na América Latina no século XX na visão de Richard Morse e Gerald Martin

BEATRIZ HELENA DOMINGUES¹

biahd@yahoo.com

Em 1995 o brasilianista e latinoamericanista Richard Morse publicou seu último texto, um longo ensaio em forma de artigo, intitulado “The Multiverse of Latin America Identity, c.1920-c. 1970”, ainda inédito em português. O estudo havia sido-lhe encomendado por Leslie Bethell, editor da *Cambridge History of Latin America*, em 1975, mas somente finalizado por Morse em 1995, ou seja, vinte anos depois. “The Multiverse of Latin America Identity” ocupa um papel relevante na minha pesquisa em andamento pois possibilita uma análise retrospectiva da obra de Richard Morse que permite desvendar, a partir das análises que o brasilianista fez da questão de identidade em pensadores brasileiros e latinoamericanos, desde o Modernismo dos anos 1920 até a década de 1970, alguns desenvolvimentos de suas próprias teses sobre a América Latina desde os anos 1940 até os anos 1990. Este aspecto biográfico, neste caso específico, é bastante relevante para o estudo desta obra.

Em 1998, o também latinoamericanista Gerald Martin, professor de línguas modernas da Universidade de Pittsburgh, publicou, na mesma *Cambridge History of Latin America*, em edição igualmente coordenada por Leslie Bethell, um interessante artigo sobre a narrativa latinoamericana desde 1920 até o pós-boom, ou pós-modernismo. Ou seja, avança um década a mais do que Morse. A ideia desta comunicação é estabelecer semelhanças e diferenças entre as opções teóricas, temáticas e autores selecionados pelos dois brasilianistas ao percorrer a referida trajetória.

Em Morse, discutirei mais detalhadamente: a) sua justificativa para localizar cronologicamente a busca por identidade latino-americana nas primeiras décadas do século XX apesar de exemplos isolados no século XIX; b) os passos desta busca pela identidade iniciada com os manifestos modernistas dos anos 1920 (São Paulo, Buenos Aires e México), aprofundados pelos ensaios e novelas dos anos 1930 e as posteriores

¹ Professora do Departamento de História da UFJF e pós-doutora pela University of Maryland-College Park. Agradeço à Fapemig pelo financiamento da pesquisa em andamento e pelo apoio financeiro para participar do evento.

elaborações de cunho generalizante e filosófico dos anos 1950s. A ideia central é mostrar as continuidades, apesar das diferenças, entre estas modalidades de abordagem relacionadas com os contextos e que foram produzidas. Em Martin, a discussão se concentrará especialmente na singularidade de suas formulações sobre a narrativa da década de 1930 e sobre o pós-boom, ou pós-modernismo.

Nascido nos Estados Unidos em 1922, Richard Morse completou seus estudos de Humanidades na Universidade de Columbia, onde foi aluno de Allen Tate e R. P. Blackmur. A carreira de Morse não começou de forma convencional. Seus primeiros escritos foram literários, resultantes de sua primeira experiência na América Latina, em Cuba, onde teve início sua paixão pela cultura ibérica no Novo Mundo.² Após dois artigos sobre Cuba, escreveu um conto, *The Narrowest Street*, publicado em 1945.³ Pouco depois, fazendo eco talvez ao clima de aproximação cultural e econômica que marcou as relações entre Estados Unidos e Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, seu foco mudou para a América do Sul, mais especificamente para a formação histórica da cidade que lhe parecia a mais intrigante: São Paulo.⁴ Nos anos 1950 escreveu um curto, porém bastante instigante ensaio, tentando elaborar uma teoria que lhe permitisse compreender a situação do governo espanhol em suas colônias transatlânticas: encontrou-a em uma delicada coexistência entre maquiavelismo e tomismo.⁵ Na década de 1960 deu sequência a seu interesse pelo estudo de cidades, iniciado com São Paulo, agora centrado nas cidades hispanoamericanas.⁶ Nos anos 1980 tornou-se conhecido e

² Tampouco o foi a carreira de alguns autores muito admirados por ele como Ángel Rama, por exemplo.

³ MORSE, Richard M. "Seed You Might Have Found". *The Nassau Lit*100 (1941): 42-44; MORSE, Richard M. Coup in Cuba. *The Nassau Lit*100 (1941): 2-4; MORSE, Richard M. *The Narrowest Street*. *Theatre Arts* (Sept. 1945): 523-31.

⁴ MORSE, Richard M. "São Paulo since Independence: A Cultural Interpretation". *HAHR*34 (1954): 419-44; MORSE, Richard M. *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil*. Gainesville: University of Florida Press, 1958. Foi traduzido para o português em 1970 pela Difel com o título: *Formação histórica de São Paulo: da comunidade à metrópole*. Segundo Antonio Candido, este é um livro já considerado clássico de muitas maneiras, em especial como um exercício de história urbana, que abriu o campo de estudos sobre cidades da América Latina em uma perspectiva cultural.

⁵ MORSE, Richard M. "Toward a Theory of Spanish American Government" In: *Journal of the History of Ideas*15 (1954): 71-93. A tese central deste ensaio foi posteriormente desenvolvida na primeira parte de *O espelho de Próspero* (1988).

⁶ MORSE, Richard M. "Some Characteristics of Latin American Urban History" In: *American Historical Review*67 (1962): 317-38; MORSE, Richard M, HARTZ, Louis et al. *The Founding of New Societies: Studies in the History of the United States, Latin America, South Africa, Canada, and Australia*. New York: Harcourt, Brace & World, 1964; MORSE, Richard M "A Prolegomenon to Latin American Urban History." *HAHR*52 (1972): 359-94.

polêmico no Brasil e em alguns países latinoamericanos como México e Argentina quando da publicação de *O espelho de Próspero*, um estudo sobre a dialética do Novo Mundo traduzido pioneiramente para o espanhol em 1982, para o português, em 1988, e ainda hoje inédito em inglês.⁷

No Brasil, houve um intenso debate em torno das teses defendidas no livro, com reações positivas e negativas à provocante interpretação morsiana da nossa supostamente famigerada tradição ibérica.⁸ Este ensaio constitui a aposta mais forte de Richard Morse na riqueza cultural ibérica e iberoamericana. Começa com Pedro Abelardo no décimo segundo século e termina com um invulgar e arriscado exercício de observação do futuro de ambas as Américas, favorecido por sua erudição filosófica e por sua situação privilegiada de observador externo.

Dois anos mais tarde a irreverência do brasilianista Richard Morse transparece no próprio título da obra: “A volta de McLuhanaíma. Cinco estudos solenes e uma brincadeira séria”.⁹ Trata-se de uma coletânea de artigos do próprio autor sobre assuntos diversos: uma comparação entre modernistas brasileiros e norteamericanos, um estudo sobre as linguagens do Novo Mundo, considerações sobre a delicada profissão dos brasilianistas (como ele mesmo) e, como capítulo final, uma versão brasilianista de *Macunaíma*, McLuhanaíma. Apesar do título remeter ao conhecidíssimo *Macunaíma* e de Morse aprofundar alguns temas polêmicos já contidos em *O espelho*, a obra não desencadeou maiores reações. Talvez o impacto da obra antecessora tenha sido grande o suficiente para que aqueles que se identificaram ou acharam interessantes suas teses continuassem a lê-lo e para que seus oponentes não lessem ou simplesmente não se manifestaram a respeito.

Por ocasião da comemoração dos seus 70 anos, em 1992, realizaram-se, no Brasil e nos EUA, seminários discutindo seu legado, dos quais participaram os maiores

⁷ MORSE, Richard M. *El espejo de Próspero: un estudio de la dialéctica del Nuevo Mundo*. 1. ed.. México: Siglo Veintiuno, 1982; MORSE, Richard M. *O espelho de Próspero: Cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁸ O mais polêmico, por colocar em cheque as ideias centrais do espelho de Morse, foi: SCHWARTZMAN, Simon. Resenha de Richard M. Morse, *O Espelho de Próspero*. Publicado em *Novos Estudos CEBRAP*, 22, outubro de 1988, pp. 185-192, como "O Espelho de Morse", e *Novos Estudos CEBRAP* vol. 25, outubro de 1989 pp. 191-203. Incluído em *A Redescoberta da Cultura*, São Paulo. EDUSP, 1997.

⁹ MORSE, Richard M. *A volta de McLuhanaíma. Cinco estudos solenes e uma brincadeira séria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

amigos e conhecedores do pensamento de Morse.¹⁰ Eu tive oportunidade de comparecer a alguns deles nos dois hemisférios, naquela ocasião com orientanda de Richard Morse.¹¹ Em 1995 Morse publicou seu último texto, um longo ensaio em forma de artigo, intitulado “The Multiverse of Latin America Identity, c.1920-c. 1970”.¹² O estudo havia sido-lhe encomendado por Leslie Bethell, editor da *Cambridge History of Latin America*, em 1975, mas somente finalizado por Morse em 1995, ou seja, vinte anos depois. A história da produção deste ensaio, documentada com trechos da correspondência entre Morse e Bethell, foi recentemente publicada por Bethell em um belo artigo.¹³

¹⁰ Grande parte do que foi escrito na ocasião foi publicado em número especial da *Luso-Brazilian Review* de 1995. Ver, por exemplo: BOMENY, Helena. Duas poéticas sobre Brasil. *Luso-Brazilian Review*, Vol 32 n.2, *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*. (Winter, 1995), pp. 23-24; _____. Semper Dr. Morse em celebração. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 27. 2001; CANDIDO, Antonio. Literatura: Espelho da América? *Luso-Brazilian Review*, Vol. 32 n.2, *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*. (Winter, 1995), p.15-22; CARDOSO, S. M. Madame Xavier ou a “Senhora Cocaína”: Um exame sobre as raízes indiscretas da literatura de Oswald de Andrade. *Akrópolis*, 12 (2): 3-7, 2004; COHEN, Thomas M. Editor’s note. *Luso-Brazilian Review*, Vol 32 n.2, *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*. (Winter, 1995), p.01-02; BORGES, Dain. Introduction: A field Guide a Richard Morse’s Brazil. *Luso-Brazilian Review*, Vol 32 n.2, *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*. (Winter, 1995), p.03-14; _____. The recognition of Afro-Brazilian Symbols and ideas, 1890, 1940. *Luso-Brazilian Review*, Vol 32 n.2, *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*. (Winter, 1995), p.59-78; FERNANDES, Florestan. O historiador enquanto jovem. *Luso-Brazilian Review*, Vol 32 n.2, *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*. (Winter, 1995), p. 89-92; HOETINK, Harry. Some notes on Ethnic Boundaries and Culture with a Glimpse at Brazil. *Luso-Brazilian Review*, Vol 32 n.2, *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*. (Winter, 1995), p. 79-87; KRAUZE, Enrique. Claves de Morse. *Luso-Brazilian Review*, Vol 32 n.2, *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*. (Winter, 1995), p. 93-96; SOUZA, Gilda de Melo. O Mestre de Apipucos e o Turista Aprendiz. *Luso-Brazilian Review*, Vol 32 n.2, *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*. (Winter, 1995), p. 35-46. TENÓRIO, Maurício: Richard Morse e a Historiografia norte-americana da América Latina. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3. 1989. p. 102-132.

¹¹ Conheci Richard Morse no Rio de Janeiro, em 1991, e daí se formou uma relação de troca intelectual que durou até a morte dele em 2001. Ele foi meu orientador de doutorado e escreveu o prefácio do meu livro *Tradição na Modernidade* (que consta da bibliografia). Sua presença e influência estão em tudo que estudei e pesquisei desde 1990.

¹² MORSE, Richard M. “The Multiverse of Latin American Identity, c. 1920-c. 1970” In: *The Cambridge History of Latin America*, vol. 10, edited by L. Bethell, 1-129. New York: Cambridge University Press, 1995; “Balancing Myth and Evidence: Freyre and Sérgio Buarque”. *Luso-Brazilian Review*, vol.32, n.2, winter 1995. Este texto saiu como artigo na referida revista mas, a rigor, é um subcapítulo de “The Multiverse of Latin American Identity, c. 1920-c. 1970”.

¹³ BETHELL, Leslie. “Richard Morse e a *Cambridge History of Latin America*” In: DOMINGUES, Beatriz H & BLASENHEIM, Peter L (org.). *O código Morse*. Ensaios sobre Richard Morse. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

“The Multiverse of Latin America Identity” ocupa um papel relevante na minha pesquisa em andamento, pois possibilita uma análise retrospectiva da obra de Richard Morse que - e esta é minha hipótese de trabalho central - , permite desvendar, a partir das análises que o brasilianista fez da questão de identidade em pensadores brasileiros e hispanoamericanos, desde o Modernismo dos anos 1920 até a década de 1970, época de predomínio das Ciências Sociais e do “boom” literário do “Realismo Maravilhoso”, alguns desenvolvimentos de suas próprias teses sobre a América Latina desde os anos 1940 até os anos 1990. É significativo o fato de que ele tenha demorado vinte anos a dar-lhe a forma que considerou aceitável entregar a Leslie Bethell. Este aspecto biográfico, neste caso específico, é bastante relevante para o estudo desta obra.

Morse inicia sua análise da busca da identidade por autores latinoamericanos com os modernistas dos anos 1920: brasileiros, mexicanos e argentinos; seguem-se os ensaístas e romancistas da década de 1930; e os filósofos da década de 1950. Conclui o texto com interessantes considerações sobre a hegemonias das Ciências Sociais nas universidades na década de 1950, coincidindo com o início do “boom” literário.

Dentre os modernistas brasileiros, Morse escolheu “os Andrade”: Oswald (1890-1954) e Mário (1893-1945) . Entre os modernistas argentinos, Jorge Luis Borges (1899-1986) e Roberto Arlt (1900-1942); entre os mexicanos, considerados um caso único em função da Revolução Mexicana, Martín Luis Guzmán (1887-1976) e Alfonso Reyes (1889-1950). Os ensaios e romances da década de 1930 são discutidos por Morse tendo em vista a singularidade do naturalismo e, conseqüentemente, do neonaturalismo na América Latina.¹⁴ Destaca entre os romancistas brasileiros Jorge Amado, José Luis do Rego, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e José Américo de Almeida (também ensaísta). Os ensaios de autores como José Carlos Mariátegui (Peru, 1894-1930), Jean Price-Mars (Haiti, 1876-1969) e Paulo Prado (Brasil, 1869-1943) são analisados lado a lado a romancistas como Alejo Carpentier (Suíça/Cuba 1904-1980), Rômulo Galego (Venezuela, 1884-1969) ou Ciro Alegria (Peru, 1909-1967). Este seria um primeiro

¹⁴ Mantenho neste projeto o termo “romance” utilizado por Morse, que corresponde, em português, a romance. Segundo o Dicionário Aurélio, os dois termos são praticamente sinônimos. Romance, literariamente falando, é “narração, usualmente curta, ordenada e completa, de fatos humanos fictícios, mas, por via de regra, verossímeis”. No Brasil tem também o sentido de “peça teatral ou romance, geralmente em capítulos, escrito ou adaptado para apresentação seriada pelo rádio ou pela televisão”. O romance, tal qual entendido pela literatura, seria uma “descrição longa das ações e sentimentos de personagens fictícios, numa transposição da vida para um plano artístico”.

grupo. O segundo, sobre o qual Morse se debruça com mais vagar, tentando “equilibrar mito e evidência”, é composto de dois subgrupos: o dos hispanoamericanos e o dos brasileiros. No primeiro destaca Ezequiel Martínez Estrada (Argentina, 1895-1964), Octavio Paz (México, 1914- 1988), Fernando Ortiz (Cuba, 1881-1969), Ángel Rama (Uruguai, 1926-1983) e José Luis González (República Dominicana/Porto Rico, 1926-1997). Dentre os brasileiros, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Salienta também a importância do ensaísmo de Luis Lezama Lima (Cuba, 1910-1976), de quem era confesso admirador. No que se refere à identidade latinoamericana buscada na filosofia, especialmente a partir da década de 1940 e durante a de 50, considera importante, dentre outros, os trabalhos de Francisco Miró Quesada (Peru, 1918), José Vasconcelos (México, 1882-1959) , Pablo Neruda (Chile, 1904-1973) e Leopoldo Zea (México, 1912-2004). Na última parte do ensaio Morse analisa a hegemonia das Ciências Sociais nos anos 1960 e 1970, lado ao lado ao “boom” literário do “Realismo Maravilhoso”, também citando representantes brasileiros e hispanoamericanos.¹⁵

A tese de Morse neste estudo é que os modernistas desempenharam um papel fundamental modelando a sensibilidade dos anos vinte, que tomou contornos mais definidos com os ensaístas e romancistas dos anos 30. Em fins da década de 40 e início da de 50, destacaram-se os filósofos, particularmente aqueles ligados à fenomenologia e ao existencialismo, na reabilitação da imagem intelectual do continente, ainda que fossem desconhecidos de significativa parte do público. Eles teriam antecipado os cientistas sociais por duas décadas na profissionalização de suas disciplinas com um vocabulário que explicitou alguns *insights* dos modernistas, bem como os dos romancistas e dos ensaístas, elevando-os a altos planos de generalização.

Morse centra sua análise nestes autores, mas não se restringe a eles. Ele constroi uma espécie de “rede”: remetendo tanto às conjunturas internacionais como às nacionais, bem como às possíveis afinidades ou não entre estes pensadores. Ao mesmo tempo, tece várias interessantes apreciações de cunho próprio sobre eles, seja comparando-os entre si ou acentuando sintonias com alguns clássicos do pensamento ocidental.

¹⁵ Uma análise detalhada destes fica para uma etapa posterior desta pesquisa

As interpretações morsianas da história e da cultura latinoamericanas caracterizam-se por uma visão bastante complexa e erudita da tradição tomista ibérica, e por uma abertura muito grande em relação ao seu objeto de estudo, à diferente mas não desigual América Latina. Interessa-me investigar em que medida os próprios pensadores hispanoamericanos e brasileiros estudados por ele influíram na modelação de suas explicações para nossa história e cultura. Pra esta tarefa, “The Multiverse of Latin America Identity” é fundamental pois fornece uma visão ao mesmo tempo panorâmica e analítica das leituras e reflexões morsianas sobre o pensamento latinoamericano no século XX. Daí tomá-lo como ponto de partida para o estudo das obras que lhe precederam, bem como daquelas que ele redigiu durante os vinte anos em que se ocupou do referido ensaio, conforme será explicitado na metodologia.¹⁶

“The Multiverse of Latin America Identity” é uma obra muito pouco conhecida no Brasil, inclusive por não ter sido ainda traduzida para o português.¹⁷ Como *O espelho* e *McLuhanaíma*, este é um texto denso e muito erudito, que analisa e compara muitos autores brasileiros e hispanoamericanos, dentre os quais estão alguns mais conhecidos e outros relativamente ou totalmente desconhecidos do público brasileiro, lado a lado a clássicos da cultura ocidental que influenciaram na formação destes autores e do próprio Morse.

Na leitura deste longo e denso ensaio, ficam claras influências como as de Michel Foucault e Friedrich Nietzsche, autores que reforçam exatamente a opção por genealogias ao invés de origem, ou origens.¹⁸ Mas uma referência guia de Morse é bem menos nossa conhecida aqui: Alfred North Whitehead.¹⁹ Em livro intitulado *The Aims of Education and other Essays*, o pedagogo elabora uma genealogia do conhecimento humano que, segundo ele, é *ad hoc* e gradual. Morse toma este pressuposto para perseguir a produção intelectual latinoamericana sobre a questão da identidade desde os anos vinte até os setenta. Assim como os estágios de Whitehead não estavam restritos

¹⁶ Conforme visto, em 1982 Morse publicou *O espejo de Próspero* (em espanhol) e em 1990 *A volta de McLuhanaíma*. “The Multiverse of Latin American Identity” foi finalizado em 1993 e publicado em 1995.

¹⁷ A editora da EDUSP tem os direitos autorais para a tradução para o português.

¹⁸ Por exemplo, FOUCAULT, Michel de. “Nietzsche, a Genealogia e a História” In: *Ditos e escritos*. Estética, literatura e pintura. Forense Universitária. 1971, pp. 260-281.

¹⁹ WHITEHEAD, Alfred North. *The Aims of Education and other Essays*. New York: MacMillan, 1949.

ou confinados a idades específicas, tampouco o são para Morse os momentos de gestação da problemática da identidade no pensamento latinoamericano, para cuja compreensão considera muito mais válido o diálogo e a interdisciplinaridade do que a especialização em “disciplinas” que se excluem entre si.

O primeiro estágio de Whitehead é o do romance. Seria, segundo ele, uma primeira apreensão que se tem de um assunto (tema) ainda com o viço da novidade, quando suas possibilidades são apenas parcialmente reveladas por ideias um tanto vagas e não muito demarcadas. A transição de fatos (fontes, informações) para a consciência de suas inexploradas relações opera-se então por meio das emoções. Este estágio é associado por Morse ao Modernismo na América Latina, época de grandes insights.

O segundo estágio é o da precisão, quando o pensamento subordina a amplitude das relações à exatidão das formulações. Proporciona gramáticas de linguagem e de ciência juntamente com um modo de análise que digere fatos na medida em que eles se acumulam. Morse os equipara aos trabalhos dos romancistas e ensaístas latinoamericanos. Finalmente, o terceiro estágio, o da generalização, corresponderia à renovação do romantismo (primeiro estágio), porém agora com a ajuda de ideias ordenadas e de técnicas pertinentes. Morse o identifica com os trabalhos filosóficos dos anos 1940 e 1950.

Em suma, Morse optou por relacionar o Modernismo, o ensaio/novela e a filosofia, respectivamente, aos três estágios do crescimento mental identificados por Alfred North Whitehead. Estes três momentos/facetas da busca da identidade na América Latina sugeririam, como os estágios de Whitehead, formas de entender como o pensamento humano pode, a partir de vários ângulos e suposições, atingir um reconhecimento tácito de experiências compartilhadas. Segundo o brasileiro, ideias decisivas sobre a identidade foram gestadas durante o Modernismo, adquiriram maior precisão com os ensaístas e romancistas e atingiram um maior grau de generalização com os filósofos. O ponto realçado por Morse é que atividades nestas áreas – do Modernismo, do ensaio/novela e da filosofia – fizeram diferentes contribuições para a questão da identidade no sentido amplo do termo. Elas teriam usos heurísticos: conduziram à descoberta, à invenção e à resolução de problemas. Para os propósitos de Morse, os três estágios são aplicados não como grandes sistemas evolutivos, “mas para tratar a história cultural da ‘periferia’ menos como uma importação de modelos do que

uma gestação doméstica”.²⁰ Longe de se excluírem, conforme já assinalado, eles se complementam e entrecruzam, seja em um mesmo pensador, ou mesmo em uma só obra. Alguns exemplos citados são: José de Vasconcelos, José Carlos Mariátegui, Martínez Estrada e Mário de Andrade.

Trabalho com a hipótese de que os escritos da maturidade de Morse também poderiam atestar, na forma ensaística que lhes é característica, o desenvolvimento de intuições presentes em seus escritos da juventude. Pretendo demonstrá-la perseguindo a genealogia de algumas de suas formulações sobre a América Hispânica e o Brasil através de pistas deixadas pelo próprio autor em diferentes momentos de sua obra, e comparando-as com a forma assumida em “The Multiverse of Latin America Identity”. Em outras palavras, a análise de Morse sobre a gestação do pensamento latinoamericano sobre a problemática da identidade parece-me apropriada para compreender a genealogia de suas próprias formulações sobre a região. Também nele ideias em gestação nos textos da juventude que foram mais delimitadas no correr dos anos e atingiram maior grau de precisão, e posteriormente de generalização e abstração nos textos da maturidade, como é o caso dos três aqui mencionados: *O espelho de Próspero* (1989), *A volta de McLuhanaíma* (1990) e “The Multiverse of Latin America Identity” (1995).²¹ Os dois primeiros foram escritos *durante* a redação do terceiro e permitem, de forma diferenciada em relação aos anteriores – que são também imprescindíveis –, aferir avaliações de Morse sobre autores e temas que lhe “perseguiram” praticamente durante toda sua vida.²²

²⁰ MORSE, R. “The Multiverse of Latin America Identity.” p. 16.

²¹ Em uma das cartas de Morse citadas por Leslie Bethell ele justifica seu atraso na redação de “The Multiverse of Latin America Identity” em função da finalização de um pequeno ensaio a ser intitulado “O espelho de Próspero”. Ver BETHELL, L. Op. cit. *A volta de McLuhanaíma* foi uma coletânea de artigos escritos por Morse também entre os 20 anos que separam o convite de Leslie e a publicação do texto na *Cambridge History of Latin America*. Na medida em que recuamos no tempo, até os do Modernismo, diminui a interação de Morse com os pensadores estudados (por motivos cronológicos inclusive), mas de forma alguma a intelectual e afetiva. Pelo contrário, elas se fazem presentes, de formas diferenciadas, nas direções assumidas pelos temas e abordagens escolhidos por Morse já nos anos 1940 (estudo sobre São Paulo) até 1995 (“The Multiverse of Latin American Identity”). Sobre a variação de conceitos no tempo e/ou espaço ver KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

²² Morse gostava de dizer, citando Borges, que existiam dois tipos de pensadores: os que tinham muitas ideias e os que só tinham uma, a qual perseguiram, ainda que por diferentes atalhos, no decorrer de toda a vida. Borges e Morse se incluíam eles mesmos no segundo tipo.

Por exemplo, estudos e/ou referências ao Modernismo acompanharam toda a carreira de Morse: desde o primeiro artigo em inglês, passando pela tese sobre a formação de São Paulo, os estudos sobre cidades latinoamericanas, vários ensaios incluídos em *A volta de McLuhanaíma* e finalmente no “Balancing Myth and Evidence” e em “The Multiverse of Latin America Identity”, tomado aqui como o novelo a partir do qual desenrolo uma genealogia de seu pensamento. Mas foi trabalhado detalhadamente pela primeira vez em dois artigos incluídos em *A volta de McLuhanaíma*.²³ Trabalho com a hipótese de que cada uma destas interpretações do Modernismo se refletiram nas considerações de Morse sobre o mesmo movimento em “The Multiverse of Latin America Identity”.

O primeiro texto empenha-se em explicar, em poucas páginas, as principais características e representantes do movimento para o público norteamericano. O estudo sobre São Paulo apresenta o Modernismo e os modernistas como parte fundamental para que ele possa caracterizar esta metrópole como uma comunidade. Já as teses desenvolvidas em *McLuhanaíma* sobre a problemática da linguagem nas Américas e sobre a originalidade dos modernistas brasileiros Oswald e Mário de Andrade ousa *tomá-los como parâmetro* em uma comparação com a nata intelectual norteamericana do mesmo período: respectivamente, William Carlos Williams e T. S. Elliot. Finalmente, em “The Multiverse of Latin America Identity” a intenção do autor, sempre comparativa, restringe-se à América Latina. Morse contrasta os dois paulistas “de Andrade” com os portenhos Jorge Luis Borges e Roberto Arlt e com os mexicanos Martín Luis Gusmán e Alfonso Reys. Ou seja, com modernistas hispanoamericanos que, como eles, teriam inaugurado, em seus respectivos países, um entendimento deles mesmos e de suas culturas não como casos de réplicas tardias da Europa, e sim como um mundo diferente, ainda que conectado com o Velho Mundo e com os Estados Unidos.

Penso que exemplos como este certamente ajudam a perceber *como* os escritos da maturidade aprofundam insights da juventude no transcórrer do tempo e do contato com novos livros, lugares, pessoas e ideias. Usando as categorias de Whitehead, diria que ajudam a perseguir *como* as formulações morsianas vão adquirindo uma maior

²³Os capítulos são: “A linguagem na América” (pp. 23-86) e “Quatro poetas americanos: uma cama-de-gato” (pp. 87-131)

delimitação, atingindo, algumas delas, posteriormente, um patamar mais filosófico e teórico. Neste percurso, pretendo realçar também a erudição e criatividade de Morse ao lidar, ao mesmo tempo, com alguns clássicos do pensamento ocidental (Nietzsche, Tocqueville, Huizinga) e do pensamento hispanoamericano e brasileiro. Para tal, serão úteis tanto suas referências explícitas quanto as implícitas a autores e/ou correntes teóricas. São também fundamentais declarações de punho próprio e/ou correspondências do autor que ajudem a iluminar as nuances e paradoxos de seu pensamento.²⁴ Um livro que me ajudou muito neste ponto foi a biografia intelectual de Mário Vargas Llosa escrita por Efrain Kristal, na qual ele analisa cronologicamente a produção novelística do autor vis-à-vis com as mudanças políticas em sua vida bem como leituras e contato com outros autores, outras culturas e outras visões de mundo.²⁵

Este procedimento pode ser extremamente frutífero para analisar outros estudos pouco conhecidos, mesmo entre seus estudiosos de Morse, como “Periferal cities as cultural arenas”, que me parece um bom exemplo de um *insight* posteriormente desenvolvido em “The Multiverse of Latin America Identity”.²⁶ Morse também reconhecia que algumas formulações desenvolvidas na parte 1 de *O espelho* haviam sido rascunhadas em “Towards a Theory of Spanish America Government” de 1954.²⁷ Outra boa pista deixada por Morse foi sua “confissão”, em prefácio à obra de Rosa Maria de Araújo, *A Vocação do Prazer*, de que, quando esteve em São Paulo nos anos 1940, queria compor um contraponto urbano de *Casa Grande & Senzala*. Mas, segundo ele, a editora Alfred Knoph, que havia publicado a tradução de Gilberto Freyre para o inglês em 1946 “não viu minha obra como um contraponto urbano ao clássico de Gilberto Freyre. Enfim, àqueles que não podem criar, resta educar”, brincou resignado.²⁸

²⁴ Este é o caso, por exemplo, do referido artigo de Leslie Bethell e da entrevista concedida a Helena Bomeny em 1988.

²⁵ KRISTAL, Efrain. *Temptation of the World: the novels of Mario Vargas Llosa*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1998.

²⁶ Isto me foi dito por ele mesmo. É importante realçar que meus anos preparando minha tese sob supervisão de Morse coincidiram com aqueles em que ele finalizava “The Multiverse of Latin America Identity”.

²⁷ Ver MORSE, Richard M. “Peripheral” Cities as Cultural Arenas “(Russia, Austria, Latin America)”, *Journal of Urban History*, 10:4 (1984:Aug.) e “Toward a Theory of Spanish American Government.” *Journal of the History of Ideas* 15 (1954): 71-93.

²⁸ Prefácio de ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. *A Vocação do Prazer*. RJ: Editora Rocco, 1995, p. 16. Esta

O espelho de Próspero foi certamente um momento crucial na gestação das teses de Morse, diria que foi quando atingiram um grau de generalização e abstração. Ele aborda com sofisticação e erudição, mostrando intimidade, alguns “grandes” textos da tradição ocidental, filósofos e filosofias, sociólogos e sociologias, epistemologias e obras literárias e poéticas visando apresentar ao leitor norteamericano (que seria o público alvo) e latinoamericano (que foi o público efetivo) uma outra história da civilização ibérica e iberoamericana. Considero especialmente importante a apresentação e análise de filósofos ibéricos que vinham sendo desconhecidos porque excluídos dos grandes tratados de história das ideias e/ou das ciências.²⁹ Isto contribuiu, sem dúvida, para o desencadeamento de grande discussão em torno de suas teses, gerando réplicas e trélicas entre o autor e seus oponentes mencionadas anteriormente.

De acordo com minha hipótese de trabalho, este estudo e os que lhe seguiram abarcam, a um só tempo, os estágios de Whitehead. Se a inversão entre o público alvo e o efetivo distingue *O espelho de Próspero* das demais publicações do autor, a sofisticação e erudição são marcantes em todos eles. Nos três textos da maturidade continua a predominar o estilo ensaístico, que possibilita a coexistência equilibrada entre história, literatura, sociologia, filosofia e antropologia.

O termo ensaísmo usualmente implica em textos interpretativos compactos e ecléticos que procuram caracterizar aspectos da vida de um povo e/ou sociedade.³⁰ Segundo Theodore Adorno, o ensaísmo não deveria ser visto como mais próximo da literatura do que da ciência, já que se preocuparia, por princípio, tanto com a questão da forma como com a questão do método.³¹ O propósito da estrutura ensaística seria, assim, analisar aquilo que os “leigos”, os literatos e os cientistas tomam como pressupostos em seus textos; não se “servindo” destas diversas formas de entendimentos, mas (para utilizar uma expressão do próprio autor) “devorando-os”.

citação é também importante para acompanhar as dificuldades de Morse com a academia norteamericana. Sobre Morse analisando Gilberto Freyre ver FLORES-BÓRQUEZ, Melissa. “Seven months’ milk: A note on Gilberto Freyre” In: *Intercapillary Space* (<http://intercapillaryspace.blogspot.com/2007/09/seven-months-milk-note-on-gilberto.html>).

²⁹ LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elias. José. *Giro lingüístico e historia intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, s/d.

³⁰ MORSE, R. “The Multiverse of Latin America Identity”, p. 52.

³¹ ADORNO, Theodore. “O ensaio como forma” In: *Notas de literatura 1*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2003, pp. 15-46.

Morse, Oswald, Mário, Sérgio, Freyre, Octavio Paz e outros mencionados em “The Multiverse of Latin America Identity” praticam, em seus textos, um ensaísmo que é um misto de questionamentos acerca de fatos recentes, reflexões epistemológicas e crítica criteriosa de especulações audaciosas.³²

Octavio Paz considera Ortega y Gasset, que ele denomina “um verdadeiro ensaísta”, talvez o mestre deste estilo, que resiste a fáceis sinopses, em espanhol.³³ Ele é importante para esta pesquisa porque o trabalho pioneiro de Ortega sobre a questão da identidade hispânica tornou-se referência para os ensaístas do Novo Mundo nos anos 1920, 1930 e nos que lhe seguiram. Segundo Paz, o ensaísmo não sistematiza mas explora. Sua prosa busca uma equidistância tanto do tratado quanto do aforismo, duas formas que ele considera “congeladas”. O ensaísta deve oferecer-nos tesouros e troféus, mas nunca um mapa. Ele não coloniza, mas descobre.

Gerald Martin é professor jubilado Andrew W. Mellon de Línguas Modernas na Universidade de Pittsburgh, e professor investigador sênior em Estudos Caribenhos na Universidade Metropolitana de Londres. Visitou todos os países da América Latina e escreveu bastante sobre eles. Durante vinte e cinco anos foi o único membro anglosaxónico do Arquivo de Literatura Latino-Americana do Século XX (Universidade de Paris e UNESCO) e foi recentemente eleito presidente do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana, nos Estados Unidos. Entre as suas publicações contam-se *Journeys Through the Labyrinth: Latin American Fiction in the Twentieth Century* (1989) e *Homens de Milho*, de Miguel Angel Asturias (tradução e edição crítica, 1994). Vive próximo de Petersfield, no Hampshire. Publicou também o texto aqui em questão “Narrative since 1920”.³⁴

Este texto segue uma ordem cronológica, como o de Morse, mas com um movimento diferente. Após analisar as novelas de temática regionalista e urbana dos

³² Mas, para nos valermos da sugestão de Karl Popper, tratam-se de conjecturas audaciosas seguidas de refutações criteriosas. POPPER, Karl. *Conjecturas e refutações*. Coimbra: Almedina, 2000.

³³ PAZ, Octavio. “José Ortega y Gasset: el cómo y el para qué”. In: *Hombres em su siglo*. Barcelona: Seix Barral, 1984, pp. 97-110.

³⁴ MARTIN, Gerald.. “Narrative since 1020” In: BETHEL, Leslie. *A Cultural History of Latin America. Literature, Music and Visual Arts in the 19th and 20 th Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

anos 1930, Martin retorna ao Modernismo para, a partir dele, traçar uma genealogia do “boom”, ou “Realismo Maravilhoso”.

Embora reconheça a singularidade, ou mesmo a “superioridade” do Modernismo latinoamericano sobre o europeu, Martin parece mais empenhado do que Morse em traçar as influências europeia nos pensadores latinoamericanos. Segundo ele, o Modernismo latinoamericano mantém o impulso romântico. A cidade é vista como um mundo de alienação, retificação, de valores invertidos, consumo e exaustão, contrastado negativamente com a fertilização cósmica e o significado global do mundo indígena que o precedeu. Mas vão além da obsessão romântica meramente com a paisagem ou a espiritualidade.

Estes trabalhos são ‘regionais’ não no sentido de serem ‘subnacionais’ mas precisamente porque, desde este momento, a América Latina foi concebida como uma grande ainda que não integrada nação constituída de numerosas ‘regiões’ (vinte repúblicas).³⁵

Regionalismo e americanismo seriam como que dois lados do mesmo impulso e o conceito de ‘novela da terra’ foi, a rigor, uma designação simbólica: a ‘terra’ não é tanto a terra telúrica como o próprio continente americano como um objeto de meditação alternando entre estes dois pólos: as regiões e o continente.

Outra singularidade do nosso modernismo, em comparação com o britânico e norteamericano foi a influência surrealista, praticamente inexistente nessas culturas empíricas. Dentre os autores europeus e norteamericanos que teriam influenciado as formulações dos latinoamericanos desta Joyce (*Ulisses*) e William Faulkner. Joyce teria mais proximidade por compartilhar com os latinoamericanos as migrações e o exílio, o catolicismo e as repressões a ele inerentes, e a contraconquista de uma língua imperial, alienígena. Ainda assim, nos anos 30, 40 e 50, a influência de Faulkner foi mais palpável. Joyce volta com toda a força quando do “florescimento do Modernismo latinoamericano sob a forma do ‘boom’ literário (ou “Realismo Maravilhoso”).”³⁶ A

³⁵MARTIN, Gerald. Op. Cit., p. 158

³⁶MARTIN, G. p. cit., p160. Martin sugere que o conceito de “Realismo Maravilhoso” seja rejeitado nos anos 1990 por ser perigoso instrumento ideológico. O mesmo se aplicaria ao conceito de Barroco. Ambos representariam um estilo latinoamericano marcado pelo exótico e tropical fantasmagórico e alucinatório, etc. Como o caráter mais unificador do boom é o recurso ao mito, talvez uma denominação mais apropriada seria “realismo mítico”.

dificuldade de incorporação de Joyce pelos modernistas devia-se, segundo Martin, ao fato dele já ser, anos vinte, um pósmodernista.³⁷ Ainda assim, no longo prazo a influência de Joyce foi mais marcante. *Ulisses* o modelo invisível, porém central, da nova narrativa latinoamericana.

Fossem ou não explicitamente joyceanos eles compartilhavam o mesmo código secreto. Isto é, concordavam em conceber suas novelas como paródia e mito ao mesmo tempo, uma estrutura na qual o topoi, bem como os símbolos privados, revelam a unidade de um completo sistema de significações.³⁸

A tese de Martin é que a poesia latinoamericana dos anos 1920 estava completamente atualizada em relação àquela produzida na Europa, Rússia e Estados Unidos. Já o desenvolvimento da novela, que ele denomina “realismo social”, foi um pouco mais vagaroso. Foi somente nos anos 1960 que a complexa interação entre a América Latina e as condições internacionais de educação, leitores e editores se combinaram para produzir uma situação na qual as realizações da arte latinoamericana pudessem ser rapidamente e generalizadamente reconhecidas.

Conclusão

Tenho para mim que o apelo da visão de Morse e de Gerald Martin para nós brasileiros e para os hispanoamericanos se deve ao fato de eles terem de fato mergulhado em nossa cultura sem, contudo, perder o “olhar estrangeiro”, tão enriquecedor neste tipo de análise. “Próspero” Morse não apenas se olhou no espelho da América Ibérica, conforme já reconhecido mesmo por seu ferrenho crítico Simon Schwartzman: ele devorou esta cultura no sentido sugerido pela antropofagia modernista e, como um executante de um ritual canibal, saiu desta experiência modificado e enriquecido.³⁹

A riqueza deste “olhar estrangeiro” era plenamente reconhecida por ele, particularmente quando expressava sua admiração por Alex de Tocqueville e Joham

³⁷ MARTIN, G. p. cit., p162

³⁸ MONEGAL, Emir Rodríguez. “The New Latin American novelists”, *Partisan Review*, 44 I (1977), p.41

³⁹ Sobre a antropofagia enquanto uma metodologia ver, por exemplo, ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. “Só a antropofagia nos une” In MATO, Daniel (coord). *Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad central de Venezuela, pp. 121-132.

Huizinga.⁴⁰ Como em tudo que Tocqueville escreveu sobre os Estados Unidos que visitou nos anos 1830 podia-se sempre perscrutar algo da história e/ou cultura francesa, nos escritos morsianos sobre a América Latina, os Estados Unidos estão sempre presentes. Ele mesmo gostava de referir-se a si mesmo como um novo Tocqueville ou Huizinga no que concerne à América Latina: o primeiro foi um francês e o segundo um holandês que, em seu entender, forneceram talvez as melhores análises dos Estados Unidos, respectivamente no século XIX e no século XX, precisamente porque dotados do “olhar estrangeiro”. Nas muitas conversas que tive com ele como meu orientador, ele frequentemente afirmava que gostaria de ser como um deles, ou a mistura de ambos, escrevendo e desvendando as sociedades iberoamericanas, particularmente o Brasil. Morse sempre se orgulhou de ser um renascentista, alguém avesso às especializações e classificações castradoras. Pretendo mostrar que estes aspectos podem ser observados desde cedo em sua produção intelectual e que ele, de fato, teve um olhar renascentista sobre o Brasil e a América Latina, comparável ao de seus mestres Tocqueville e Huizinga sobre os EUA, no decorrer de sua carreira.

Ainda estou em busca de referências de Morse a Gerald Martin. Na via inversa já tenho pelo menos um documento: uma resenha de *A volta de McLuhanaíma* publicada por Martin em 1990.⁴¹

⁴⁰ TOCQUEVILLE, Alexis. *A democracia na América*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979; HUIZINGA, Joham. *América. A Dutch Historian Vision, from afar and near*. New York, Evanston, San Francisco, London. Harper & Row Publishers, 1972.

⁴¹ MARTIN, Gerald. “Rev. of New World Soundings: Culture and Ideology in the Americas by Richard M. Morse,” *Journal of Latin American Studies*, 22/3 (Oct., 1990): 623-24; SZUCHMAN, Mark D., “Review of New World Soundings: Culture and Ideology in the Americas by Richard M. Morse,” *Hispanic American Historical Review*, 71/4 (Nov. 1991): 869-70.